

## “MEU NOME AGORA É ZÉ PEQUENO”: APELIDOS E POSIÇÕES-SUJEITO

Joice MENSATO <sup>1</sup>

### Resumo

Uma prática comum entre pessoas que frequentam um mesmo espaço (como estudantes, por exemplo) é o ato de atribuir apelidos para os colegas, entretanto esse gesto determina e é determinado pela posição-sujeito assumida por ele no discurso. Esta pesquisa teve como objetivo analisar, tendo como base os referenciais teóricos da Análise de Discurso e da Semântica da Enunciação, esse deslocamento que o sujeito sofre ao receber um apelido a partir do enunciado “Dadinho é o caralho, meu nome agora é Zé Pequeno, porra” produzido por um dos personagens do filme *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles. Tal análise foi feita considerando-se que os nomes/apelidos possuem uma historicidade e que ela constitui o sujeito nomeado/apelidado. Do mesmo modo, retomamos o trabalho de Hashiguti (2008) sobre corpo de memória para mostrar os sentidos que o corpo faz circular e como ele entra nesse processo de atribuição de apelidos.

**Palavras chave:** Análise de discurso, Semântica da enunciação, Apelidos, Cidade de Deus.

### Abstract

A common practice among people who attend the same space (as students, for example) is the act of assigning nicknames to friends, however this gesture determines and is determined by the subject position assumed by him in the discourse. This research aimed to analyze, based on the theoretical Analysis of Discourse and Semantics of Enunciation, this displacement that the subject suffers when it receives a nickname from the statement "Li'l Dice, my ass. My name is Li'l Z' now" produced by one of the characters in the film *City of God*, directed by Fernando Meirelles. Such an analysis was made considering that names/nicknames have a historicity that constitutes the named /nicknamed subject. Similarly, we return to Hashiguti text (2008) on body memory to show the way the senses circulates and how he enters this process of assigning nicknames.

**Key Words :** Discourse analysis, Semantics of Enunciation, Nickname, City of God

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Campinas e mestranda pelo departamento de Linguística Aplicada na área de Língua Materna.

## **1. Por que estudar os nomes a partir do filme Cidade de Deus?**

Tanto o filme *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles, quanto o livro homônimo de Paulo Lins (em suas 2 edições) constituem-se em um material rico para os estudos da linguagem, visto que trabalham muito com as linguagens verbal e corporal. A primeira apresenta-se por meio da língua usada pelos personagens que foge da norma culta e está recheada de gírias e palavrões que tem diferentes efeitos de sentido dentro e fora da comunidade. É também na linguagem verbal que se observa o constante emprego de apelidos para designar os personagens que têm o nome jurídico apagado. Contudo, a linguagem corporal é indispensável para percebermos as posições de poder ocupadas pelos personagens, bem como as transformações pelas quais eles passam durante a história.

Diante de tal material, concentrei-me em verificar o funcionamento dos apelidos no filme e, mais especificamente, do personagem que começa sendo chamado de Dadinho, mas que no meio do filme recebe um novo apelido, Zé Pequeno, durante uma cerimônia de umbanda. O foco neste personagem se deu tanto pela grande importância dele dentro da trama, quanto pelo peso que o enunciado “Dadinho é o caralho, meu nome agora é Zé Pequeno, porra!” teve dentro e fora das telas. O enunciado em questão, dentro do filme, faz com que o personagem assuma uma nova posição-sujeito no discurso, fazendo com que ele agora assumira uma posição de poder dentro da comunidade; fora do filme, por sua vez, este enunciado se mostrou bastante representativo, de modo que muitos daqueles que nunca viram o *Cidade de Deus*, pelo menos conhecem o enunciado.

Partindo deste enunciado e lançando mão das teorias da análise de discurso materialista e da semântica da enunciação analisa-se o funcionamento dos apelidos e sua relação com as posições-sujeito do discurso.

## **2. Objetivo da pesquisa:**

Considerando a noção de sujeito do inconsciente e o esquecimento número 1 proposto por Pêcheux (1975)– que dá a impressão ao sujeito de que ele está na origem do dizer e não retomando sentidos pré-existentes – a presente proposta de pesquisa pretende, a partir do filme *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles:

1 – Analisar a cena em que o personagem Dadinho recebe um novo apelido, ver quais discursos estão ali presentes e discutir os efeitos de sentido que essa mudança produz.

2 – Discutir como o nome próprio de pessoa é importante na constituição do sujeito e das posições- sujeito discursivas ocupadas por ele na sociedade.

### **3.Perguntas de Pesquisa**

Os objetivos acima mencionados deverão ser atingidos por meio das seguintes perguntas de pesquisa:

1. De que forma a linguagem corporal do personagem Dadinho/Zé Pequeno contribui para que o enunciado “Dadinho é o caralho, meu nome agora é Zé Pequeno, porra!” produza sentidos?
2. Há uma mudança da posição-sujeito do personagem Dadinho/Zé Pequeno, quando ele muda de apelido? Como o *outro* exterior é determinante para essa troca? Quais as relações de poder envolvidas nesse processo?

### **4.Justificativa**

O processo de nomeação de pessoas é uma prática social, e como tal, está vinculado a instituições e é materialmente determinado pelas condições históricas (Guimarães, 2004:14) constitutivas do sujeito. Isso pode ser visto em uma das cenas do filme *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles, na qual o personagem Dadinho, numa cerimônia de umbanda, recebe um novo apelido do Exu: “Tu agora num vai se chamá Dadinho... Tu agora vai ser chamado com o nome que eu quero que tu seja chamado, esse... Tu agora vai se chamá Zé Pequeno. Zé Pequeno pra crescer” (MANTOVANI, 2001:53). Nessa cena, observa-se a presença da instituição religiosa, um Aparelho Ideológico do Estado (ALTHUSSER, 1969), (doravante AIE), o qual permite que o Exu ocupe a posição-sujeito-apelidador e que faz com que Dadinho/Zé Pequeno respeite a sua decisão.

Segundo Althusser (1969:70), os AIE são aqueles que “funcionam principalmente através da ideologia, e secundariamente através da repressão seja ela bastante atenuada, dissimulada, ou mesmo simbólica”. Instituições como a Família, a Igreja e a Escola, por exemplo, funcionam sob a ideologia dominante fazendo com que sujeitos como Dadinho/Zé Pequeno aceitem as palavras de uma entidade religiosa sem questioná-las.

Mas não é apenas nesse processo de nomeação em que o sujeito está submetido a uma ideologia. Antes mesmo de nascer, a ideologia interpela o indivíduo em sujeito que, por sua

vez, submete-se à língua significando e significando-se na história (ORLANDI, 1999). Quando uma criança nasce, ela já está inscrita num meio social com práticas e língua(s) próprias. Esse sujeito (criança) será interpelado, pela língua, e seguirá as práticas já estabelecidas no seu grupo social. Essa língua será a sua língua materna. Contudo, uma das formas de submissão à língua pela qual o sujeito passa é durante a escolha do seu nome.

Os pais, responsáveis por declarar o nascimento do filho ao Estado, precisam escolher um nome – composto por prenome e sobrenome – que o acompanhará por toda a sua vida. Essa escolha feita muitas vezes antes mesmo da criança nascer, atribui sentidos, que nem sempre foram os escolhidos conscientemente pelos pais, a ela. Alguns pais, por exemplo, podem dar a filha o nome de Maria, porque tiveram uma grande amiga chamada dessa forma, entretanto esse nome também tem sua historicidade religiosa que não pode ser apagada. Do mesmo modo, alguns pais escolhem os nomes justamente por estarem ligados a determinado credo religioso, como exemplifica Guimarães (2002:37) quando diz que, no Brasil, muitas crianças foram chamadas de Donizete “num certo momento, por causa de um padre cujo sobrenome era Donizete”. Em seguida, Guimarães (2002:37) diz que a partir desse exemplo vê-se que

Nas nomeações podem-se cruzar regiões diferentes do interdiscurso (posições de sujeito diferentes) [...]. No caso de Donizete cruzam-se duas posições de sujeito, de um lado a jurídico-liberal (aquela da qual se nomeia por obrigação do Estado) e de outro a posição de sujeito religioso.

O mesmo ocorre quando os pais nomeiam os filhos com nomes de figuras de destaque na mídia como esportistas, atores e cantores; outro exemplo é o da projeção do pai sobre o filho quando esse último é nomeado como *Júnior* ou *Filho*. Dessa maneira, quando os pais optam pelo nome do filho, eles têm ilusão de que escolhem um nome transparente, livre de interpretações, entretanto, todos os nomes têm uma historicidade e produzem diferentes efeitos de sentido que nem sempre foram os desejados pelos pais. A partir disso, vê-se que antes mesmo de nascer, a criança está inscrita na língua, uma vez que são produzidos discursos sobre ela; é constituída pelo discurso de um *outro*, que lhe é exterior, e está submetida à ideologia materializada na língua.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> É válido ressaltar que antes da criança ser concebida, os pais e familiares já falam com/sobre ela, desse modo é indispensável que ela seja nomeada. Entretanto, esse nome não necessariamente já é o nome que constará no

Contudo, com o passar do tempo, esse sujeito vai sendo (re)significado, ocupando diferentes lugares sociais, afetados por diferentes relações de poder que são constitutivos de seu discurso. Grigoletto (2005: 08) toma o conceito de lugar social como sendo “a práxis social” que é determinado pelas relações de poder institucionais em interação com as diferentes formações ideológicas abrigadas pelo espaço empírico compreendidos pela formação social. Contudo, segundo a autora (2005: 06-07)

o lugar social só se legitima pela prática discursiva, portanto pela inscrição do sujeito num lugar discursivo. E o lugar discursivo, por sua vez, só existe discursivamente porque há uma determinação do lugar social que impõe a sua inscrição em determinado discurso

A autora (2005: 07) também afirma que o conceito de lugar discursivo não pode ser tomado como sinônimo de posição-sujeito, já que o lugar discursivo “pode abrigar, no seu interior, diferentes e até contraditórias posições de sujeito”. Ela continua dizendo que

cada lugar discursivo representa diferentes modos de se relacionar não só com a forma-sujeito, mas também com as diferentes posições-sujeito que ele pode abrigar. Abre-se espaço, portanto, para mais uma categoria de análise entre a forma e a posição-sujeito – a do lugar discursivo. (2005: 07)<sup>3</sup>

Desse modo, o sujeito pode ocupar diferentes lugares sociais durante a vida e tal processo pode vir acompanhado de novas nomeações, os chamados apelidos. Esses são nomes não regulamentados pelo Estado e que podem ter sua origem a partir de diversas formas: de uma derivação do próprio nome (diminutivos, aumentativos etc.); ressaltando alguma característica física (baixinho, gordinho etc.); como metonímia do lugar de origem dessa pessoa (mineiro, baiano, paulistano etc.) dentre outras.

Hashiguti (2008) traz a questão do apelido para o sujeito que significa e é significado pelo corpo japonês, pois o apelido “japa”, por exemplo, reforça o olhar do outro que apelida para o corpo, para o físico, do apelidado, mas que, ao mesmo tempo, retoma o sentido de um pertencimento a uma cultura japonesa da qual não necessariamente o sujeito pensa fazer parte. Apesar desse processo de nomeação por apelidos ser naturalizado em nossa sociedade, ele implica em mudanças na posição-sujeito do sujeito apelidado, pois agora, mais do que antes,

---

registro de nascimento, mas nomes como “criança”, “bebê” que já permitem que sejam produzidos discursos sobre ela.

<sup>3</sup> A diferenciação de lugar social, lugar discursivo e posição-sujeito proposta por Grigoletto está sintetizada no quadro disponível no anexo II deste trabalho

o seu corpo estará em evidência, visto que não é mais necessária a presença física do sujeito para que ele seja significado, mas apenas a voz de um outro que o designe dessa forma. Ou seja, uma série de pré-construídos sobre o ser japonês já são postos em circulação, mesmo que o sujeito apelidado não se reconheça como tal. Por isso, muitas vezes o sujeito rejeita essa nova nomeação, mas, por esse mesmo motivo, o apelido é repetido pelos sujeitos que o apelidaram e posto em circulação, fazendo com que o sujeito signifique e seja significado naquele grupo por meio do apelido que o descontenta.

Isso é possível, pois, assim como no processo de nomeação, no qual os pais são os responsáveis por escolher e atribuir o nome ao sujeito – visto que ele não pode fazer isso sozinho –, na atribuição de um apelido o processo é semelhante, pois mesmo que tenha sido o sujeito apelidado quem escolheu esse apelido, será sempre um *outro* exterior o responsável por colocá-lo em circulação.<sup>4</sup> Desse modo, esse outro pode impor um apelido a um sujeito perante um grupo, mesmo que esse não concorde com os sentidos que circularão em torno dessa nova nomeação.

Na cena do filme *Cidade de Deus*, na qual Zé Pequeno recebe um novo apelido, atribuído por um *outro*, o Exu das Sete Caldeiras, cabendo a Pequeno apenas fazer com que os demais habitantes da favela o reconheçam por esse novo apelido “Meu nome agora é Zé Pequeno, porra!” (MANTOVANI, 2001 p.67), há uma variante da situação. Não se trata de uma situação depreciativa caracterizada pela apelidação, mas sim trata-se de um gesto realizado pelo Exu que diz que agora o sujeito Dadinho não será mais o mesmo, que ele irá crescer e tornar-se outro. Agora, na posição de Zé Pequeno, o sujeito tem a autoridade e o poder necessários para impor o novo nome aos demais habitantes.

No filme de Fernando Meirelles, vê-se que grande parte dos personagens atende não pelo registro civil, mas sim pelos apelidos (Busca-pé, Marreco, Bené etc.). O uso desses produz um deslocamento da posição-sujeito de “sujeito de direito” (subordinado pelo Estado) (GUIMARÃES, 2002) para a posição-sujeito-criminoso (COSTA, 2008:125). Os personagens do filme são sujeitos criminosos ignorados pelo governo, como pode ser observado na fala de Busca-pé “a filosofia do governo naquela época consistia no seguinte raciocínio: não tem onde pôr? Manda pra Cidade de Deus!” (MANTOVANI, 2001:9). Dessa maneira, eles são identificados como tal e a primeira medida adotada nesse processo identitário é a atribuição de um apelido. Tendo isso em consideração, não se pode descartar a presença de personagens

---

<sup>4</sup> É possível que um sujeito escolha o próprio nome jurídico. Contudo, esse não é um processo simples, pois deve ser feito na idade adulta, por meio de uma ação jurídica na qual o sujeito deve ter um argumento convincente do porquê de querer trocar de nome.

que não têm apelidos: que são conhecidos por seu nome de registro (Berenice, Thiago e Angélica), uma vez eles fazem parte de outra Formação Discursiva, pois não pertencem à comunidade da Cidade de Deus.

Formação discursiva (FD) é um conceito muito importante para a Análise de Discurso, pois, segundo Orlandi (1999), é a FD quem determina o que pode e deve ser dito pelo sujeito. As formações discursivas são manifestações, no discurso, de determinada formação ideológica, que, por sua vez, é constituída pelas posições sociais e ideológicas. Desse modo, segundo Orlandi (1999), as palavras recebem os sentidos das formações discursivas e esses sempre são determinados ideologicamente.

Pêcheux (1975) afirma que o lugar do sujeito é preenchido por aquilo que o autor designa de *forma-sujeito*, ou sujeito do saber de uma determinada FD. Assim, é pela *forma-sujeito* que o sujeito do discurso se inscreve em uma determinada FD, com a qual ele se identifica e que o constitui enquanto sujeito. Pêcheux (1975: 167) diz também que “a forma sujeito tende a absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscurso, isto é, ela simula o interdiscurso no intradiscurso, de modo que o interdiscurso aparece como o puro “já-dito” do intradiscurso, no qual ele se articula por “co-referência””. Partindo disso é possível dizer que a forma-sujeito assimila/esquece os elementos do interdiscurso criando o efeito de unicidade do sujeito. Desse modo, quando pensamos no sujeito da comunidade da Cidade de Deus, é por meio da forma-sujeito que ele tem acesso, mesmo que de modo inconsciente, ao interdiscurso, onde circulam todos os discursos a cerca dos sujeitos que vivem em favelas, comunidades pobres e daqueles discursos produzidos a respeito de sujeitos considerados criminosos; a partir disso ele recorta e apreende o que mais lhe interessa dentro destes já-ditos, identificando-se com a FD dos moradores da Cidade de Deus, trazendo os enunciados pertencentes a esses saberes para o intradiscurso, materializando-os no discurso. Então, é possível pensar que o uso de apelidos como efeito de nome próprio, ou seja como ilusão de unicidade (de identificação do sujeito entre outros), faz parte da FD dos moradores da Cidade de Deus que é materializado no discurso dos sujeitos de modo inconsciente.

## **5. Análise – A cena e o corpo**

### *A cena e o corpo*

Quando analisamos a cena, que é repetida três vezes no filme, em que é dito o enunciado “Dadinho é o caralho, meu nome agora é Zé Pequeno, porra! foi necessário um

esforço no sentido de ver que o corpo também tem sua materialidade significativa e produz sentidos, pois como diz Hashiguti (2008:02) “O corpo como material de linguagem, social e simbólico produz sentidos e é significado em processos complexos de memória que dizem respeito à subjetividade, à história, à sua espacialização”. Desse modo, devemos observar não só os enunciados produzidos oralmente na cena em questão, mas também os gestos corporais que segundo Hashiguti (2008:9) são gestos simbólicos “de linguagem”.

Um dos gestos mais significativos desta cena é a de exaltação e medo de Neguinho quando batem na porta. Podemos dizer que os movimentos dele têm esse sentido, pois a nossa sociedade interpreta os movimentos rápidos e o olhar fixo em algo estranho, como gestos que exprimem exaltação, medo. Entretanto, esses gestos não são pensados, indicando, segundo Hashiguti (2008:63) que este gesto

é constitutivo do sujeito, que é da ordem da memória discursiva. O sujeito, ao fazê-lo, não pensa que tem que assim fazê-lo, ele simplesmente o faz porque ele assim o *sabe* (discursivamente). O que vai determinar que direção ele vai seguir (...) em sua formulação são as *condições de produção* remetidas à memória

Entretanto, quando Neguinho percebe que do lado de fora da porta estava Dadinho e sua quadrilha, Neguinho baixa a guarda, dando as costas para os recém chegados, abaixando a arma e desenrijecendo os ombros que agora aparecem levemente curvados para frente. O ato de dar as costas para outra pessoa traz o sentido de que aquela pessoa é de confiança e, desse modo, não atentaria contra a vida dele sem que ele pudesse ver e, assim, se defender. Contudo, a interpretação de Neguinho, materializada no gesto, estava equivocada, pois o sujeito que estava diante da porta dele não estava ocupando a posição Dadinho, amigo de Neguinho, mas a posição Zé Pequeno, inimigo de Neguinho.

Sabemos dessa posição ocupada pelo personagem não apenas pelo enunciado dito na cena, mas também por sua posição corporal e, inclusive pelo enfoque dado pela câmera, para o olhar fixo, o caminhar lento e o corpo levemente arcado em direção a Neguinho, que permite que interpretemos estes gestos como uma forma agressiva de se dirigir ao seu interlocutor. Desse modo, podemos dizer que a projeção imaginária Pêcheux (1988) feita por Neguinho sobre seu interlocutor Dadinho/Zé Pequeno, estava equivocada, fazendo com que ele assumisse a posição-sujeito-amigo, enquanto o seu interlocutor ocupava a posição-sujeito-inimigo.



## 6. Análise - de Dadinho para Zé Pequeno

Quando Dadinho torna-se Zé Pequeno, não apenas o apelido muda, mas também a posição-sujeito ocupada por ele no discurso. Podemos ver esse posicionamento no discurso pela posição corporal do personagem que agora tem o corpo mais tenso e que se projeta para frente intimidando o inimigo; mas também podemos acrescentar o enunciado “Dadinho é o caralho, meu nome agora é Zé Pequeno, porra!” e mostrar que essa mudança de apelido do personagem determina é determinado pela posição-sujeito ocupada por ele no discurso.

Podemos dizer que o apelido determina a posição-sujeito porque, após receber o novo apelido do Exu das Sete Caldeiras, Dadinho ocupa um lugar social diferente, visto que agora ele deixa de ser ladrão e “*um dos bandidos mais respeitados da Cidade de Deus*”<sup>5</sup> para se tornar traficante e “*o mais temido e respeitado traficante do Rio de Janeiro*”<sup>6</sup>. Além dos lugares de ladrão e traficante, o personagem deixa de ocupar um lugar indefinido dentro da bandidagem “*um dos bandidos*” para ter um lugar definido “*o mais temido e respeitado*”. Desse modo, foi o apelido o responsável por deslocar esse lugar ocupado pelo personagem e, ao mesmo, fazer com que ele adotasse outra posição-discursiva ao enunciar, visto que ele não fala mais como Dadinho falava, fato que pode ser observado pelos gestos corporais usados por Neguinho,<sup>7</sup> mas sim como Zé Pequeno.

Ao mesmo tempo, a posição-sujeito determina o nome, visto que Dadinho já queria ocupar outro lugar social e, por isso, foi até o centro de umbanda falar com o Exu das Sete Caldeira que permitiu que ele ocupasse tal lugar ao apelidá-lo de outro modo.

A cena em que há o deslocamento de Dadinho para Zé Pequeno é um marco no filme, visto que fica muito claro no discurso e nos gestos do personagem a mudança na posição-sujeito dele, visto que o personagem é violento nas duas partes do filme, porém, quando assume o apelido Zé Pequeno, ele também assume uma posição de poder perante os demais moradores que agora não o vêem mais como um amigo, mas sim como alguém a ser temido.

## 6. Considerações Finais

Os processos designativos de nome próprio de pessoa estão já naturalizados em nossa sociedade e, por isso, são importantes trabalhos que os discutam e mostrem que os

---

<sup>5</sup> Lins, Paulo. *Cidade de Deus*. 1ed. Companhia das Letras, São Paulo 1997. *Grifo nosso*

<sup>6</sup> Sinopse do filme disponível no site oficial. Disponível em <http://cidadededeus.globo.com/> *Grifo nosso*

<sup>7</sup> Neguinho, quando pensou que quem acabara de entrar na sua boca de fumo era seu amigo Dadinho, assume uma posição corporal relaxada, com a arma e a cabeça abaixadas. Contudo, quando o personagem que entrara em cena nega o apelido de infância, e se impõe como Zé Pequeno, Neguinho tenciona a sua musculatura, levantando a cabeça e modifica o seu olhar que agora denuncia o seu medo.

nomes/apelidos trazem uma historicidade que produz sentidos no sujeito nomeado. Além disso, os apelidos atribuídos durante a vida do sujeito produzem deslocamentos depreciativos que na maioria das vezes são postos em circulação mesmo que o sujeito apelidado não o aceite.

Por meio do filme *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles, principalmente pelas cenas em que ele recebe o novo apelido e depois quando ele o afirma perante seus rivais, vemos a importância que o nome/apelido tem na constituição do sujeito e, principalmente, na posição-sujeito ocupada por ele no discurso. Vimos que na cena em que Zé Pequeno invade a boca dos apês, Neguinho relaxa ao saber que era Dadinho que queria entrar na boca, projetando a imagem que ele tinha do amigo. Entretanto, quem estava invadindo a boca não era mais Dadinho, mas sim Zé Pequeno que agora falava de outra posição-discursiva.

Desse modo, por meio deste trabalho pretendíamos, por meio de cenas do filme *Cidade de Deus*, mostrar como os apelidos determinam e são determinados pela posição-sujeito que o sujeito adquire no discurso, entretanto nos restringimos ao personagem Dadinho/Zé Pequeno, sendo que a análise dos nomes/apelidos dos outros personagens também é bastante interessante, principalmente quando pensamos no silenciamento dos nomes jurídicos em favor dos apelidos.

## **Bibliografia**

AGUSTINI, Carmen L. H. (1999) **Dobras interdiscursivas**: o movimento do sujeito na construção enunciativa dos sentidos.1999. 142p. Dissertação de mestrado – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas 1999

ALMEIDA, Gizela B. da M. & RIBEIRO, Súsia S.(2011) Bullying: que bicho é esse? **IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino**. Disponível em: <<http://www.ceped.ueg.br/anais/ivedipe/pdfs/didatica/co/454-1139-1-SM.pdf>> Acesso em: 18 fev. 2012

ALTHUSSER, Louis (1969). **Aparelhos ideológicos de estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado. 7ª edição. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1998.

BAGNO, Marcos (2002) **O espelho dos nomes**. São Paulo: Editora Ática, 2002

BENVENISTE, Émile.(1966) **Problemas de Lingüística Geral I**. Tradução M. G Novak; M. L. Neri 4ª edição. Campinas: Pontes Editores 1995.

\_\_\_\_\_.(1974) **Problemas de Lingüística Geral II**. Tradução G Guimarães *et al.* 2ª edição. Campinas: Pontes Editores 2006.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine (1999). **Introdução à análise do discurso**. 2ª edição. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

BRASIL: Lei nº 6.015, de 31 de Dezembro de 1973. Presidência da República. Casa Civil. Sub chefia para assuntos jurídicos.  
Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L6015.htm#art50](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6015.htm#art50)>  
Acesso em 16 mai 2011.

CAMPANARIO, Vanessa. Nomes vão, apelidos ficam. **Viva a Favela**. 10 jun 2009  
Disponível em:  
<[http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from\\_info\\_index=71&sid=87&infoid=46172](http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=71&sid=87&infoid=46172)>  
Acesso em 09 jul 2011

CELANI, Maria A. A. (1998) Transdisciplinaridade na Lingüística Aplicada no Brasil. *In* SIGNORINI, I; CAVALCANTI, M. C. **Lingüística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

COLLIER, C & OLIVEIRA, T. “Só da City of God”. **Viva a Favela**. 17 jan 2003  
Disponível em  
<[http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from\\_info\\_index=1461&sid=87&infoid=25681](http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=1461&sid=87&infoid=25681)>  
Acesso em 09 jul 2011

COLLIER, Carlos .Tempestade desarmada. **Viva a Favela**. 24 jan 2003  
Disponível em  
<[http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from\\_info\\_index=1451&infoid=25832&sid=87](http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=1451&infoid=25832&sid=87)>  
Último acesso em 09 jul 2011

CONHEÇA a história de Fernandinho Beira-Mar. **Jornal O Globo**. Rio de Janeiro. 05 mar 2007  
Disponível em <<http://oglobo.globo.com/rio/mat/2007/03/01/294764762.asp?>>  
Acesso em: 12 mar 2011

COSTA, Greciely Cristina. (2008) **Linguagens em funcionamento: sujeito e criminalidade**. 2008. 136p. Dissertação de mestrado - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas 2008.

CUNHA, Lauro José da. (2008) O Processo discursivo de designação de pessoas: determinação histórico-social do nome próprio. *In*: BOLOGNINI, Carmen Zink (Org) **Discurso e ensino: a língua inglesa na escola**. Campinas: Editora Mercado de Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. (2006). **O Processo discursivo de designação de pessoas: determinação histórico-social do nome próprio**. Tese de doutorado - Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006

DUCROT, Oswald (1980) **O dizer e o Dito**.Campinas: Pontes, 1987.

FABRÍCIO, Branca Falabella (2006). Lingüística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. *In* Moita Lopes, L. P. (org) **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

FRANCISCO, Marcos V. & LIBÓRIO, Renata M. C (2009). Um estudo sobre Bullying entre Escolares do Ensino Fundamental. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2009, Vol. 22, nº 2. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v22n2/a05v22n2.pdf>> Acesso em 20 fev 2012

FREGE, G. (1978) **Lógica e Filosofia da Linguagem**; seleção, introdução, tradução e notas de Paulo Alcoforado. São Paulo: Cultrix: São Paulo, 1978.

FREUD, S. (1925) **A negativa**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB), Rio de Janeiro: Imago, vol. XIX,

GENTILI, Danilo.(2009) **Como se tornar o pior aluno da escola**: manual completo, ilustrado, revisado e não recomendado para estudantes. São Paulo: Panda Books, 2009.

GINZBURG, CARLO.(1989) Sinais: Raízes de um Paradigma Indiciário. In:\_\_\_\_**Mitos, Emblemas e Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras. 1991.

GRIGOLETTO, Evandra. (2005) Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições sujeito. **II Sead – Seminário de Estudos em Análise de Discurso UFRGS**. Disponível em <<http://www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/sujeito/evandra.pdf>> Acesso em: 20 fev. 2012

GUIMARÃES, Eduardo (2002). **Semântica do acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. 2ª edição Campinas: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. (1995). **Os limites do sentido**: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. 3ª Ed. Campinas: Pontes, 2005

\_\_\_\_\_. (2004) **História da Semântica: sujeito, sentido e gramática no Brasil**. Campinas: Pontes.

HASHIGUTI, Simone (2008) **Corpo e memória**. 2008. 136 p. Tese de doutorado - Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas. Campinas 2008.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Entrevista a Paulo Lins Disponível em <<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/?p=712>> Acesso em: 22 ago 2011

HOMERO, Carlos C. V. Discussão 40 graus. **Viva a Favela**. 12 fev 2011 Disponível em: <[http://acervo.vivafavela.com.br/publico/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from\\_info\\_index=1421&sid=87&infoid=26109](http://acervo.vivafavela.com.br/publico/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=1421&sid=87&infoid=26109)> Acesso em 09 jul 2011

HUGHES, John. (1983) **A filosofia da pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983

LAGAZZI, Suzy (1988) **O desafio de dizer não**. Campinas: Pontes, 1988

LAGAZZI, Suzy (2009) O recorte significativo na memória. In Indursky, F; Ferreira, M. C. F.; Mittman, S. **O discurso na Contemporaneidade: materialidades e fronteiras**. São Carlos: Editora Clara Luz. 2009

LARA, D. & OLIVEIRA, T. "O filme da memória". **Viva a Favela**. 02 fev 2006  
Disponível em:  
<[http://novo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from\\_info\\_index=436&sid=87&inoid=43355](http://novo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=436&sid=87&inoid=43355)>  
Acesso em 09 jul 2011

LARA, Dayse. Polêmica ainda em cartaz. **Viva a Favela**. 21 out 2003  
Disponível em:  
[http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from\\_info\\_index=1131&sid=87&inoid=30524](http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=1131&sid=87&inoid=30524)  
Acesso em 09 jul 2011

LINS, Paulo. (1997) **Cidade de Deus**. 1ª ed. São Paulo: Companhia da Letras.

\_\_\_\_\_. (1997) **Cidade de Deus**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. (1997) **Cidade de Deus**. Edição comemorativa de 10 anos. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. Bill gritou na hora certa **Viva a Favela**. 12 fev 2003  
Disponível em:  
<[http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from\\_info\\_index=1426&sid=87&inoid=26177](http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=1426&sid=87&inoid=26177)>  
Acesso em: 09 jul 2011

\_\_\_\_\_. Dos perigos do sucesso. **Viva a Favela**. 12 fev 2003  
Disponível em:  
<[http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from\\_info\\_index=1426&sid=87&inoid=26173](http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=1426&sid=87&inoid=26173)>  
Acesso em 09 jul 2011

\_\_\_\_\_. Estamos fuera. **Viva a Favela**. 13 fev 2003  
Disponível em:  
<[http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from\\_info\\_index=1421&sid=87&inoid=26194](http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=1421&sid=87&inoid=26194)>  
Acesso em 09 jul 2011

\_\_\_\_\_. Fôlego no fim. **Viva a Favela**. 14 fev 2003  
Disponível em  
<[http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from\\_info\\_index=1416&sid=87&inoid=26249](http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=1416&sid=87&inoid=26249)>  
Acesso em 09/07/2011

\_\_\_\_\_. Silêncio quebrado. **Viva a Favela**. 07 fev 2003

Disponível em:  
<[http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from\\_info\\_index=1436&inford=26084&sid=87](http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=1436&inford=26084&sid=87)>  
Acesso em 09 jul 2011

MANTOVANI, Bráulio. **Cidade de Deus** – o roteiro do filme. Disponível em:  
<<http://www.roteirodecinema.com.br/roteiros/cidadededeus.htm>>  
Acesso em: 13 fev 2011

MEIRELLES, Fernando. Fernando Meirelles responde. **Viva a Favela** 12 fev 2003  
Disponível em:  
<[http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from\\_info\\_index=1421&sid=87&inford=26190](http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=1421&sid=87&inford=26190)>  
Acesso em 09 jul 2011

MONTEIRO, Marcelo. Cidade da mudança. **Viva a Favela**. 10 fev 2003  
Disponível em:  
<[http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from\\_info\\_index=1431&sid=87&inford=26107](http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=1431&sid=87&inford=26107)>  
Acesso em 09 jul 2011

MV BILL A bomba vai explodir. In: **Viva a Favela**. 20 jan 2003. Disponível em:  
<[http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from\\_info\\_index=1461&sid=87&inford=25740](http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=1461&sid=87&inford=25740)>  
Acesso em: 09 jul 2011

ORLANDI, Eni P. (1999). **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 7ª edição. Campinas: Ed. Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni P. (1996). **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Campinas: Ed Pontes, 2007

PÊCHEUX, Michel. (1975). **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Ed Unicamp, 2008.

\_\_\_\_\_(1988). **O Discurso - estrutura ou acontecimento**. Tradução. de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1988.

PENNYCOOK, Alastair (1998). A Linguística Aplicada nos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In SIGNORINI, I & CAVALCANTI, M. C. **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas: Mercado de Letras.

RAJAGOPALAN, Kanavillil (2006) Repensar o papel da linguística aplicada. In Moita Lopes, L. P. (org) **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

RAMALHO, C & LARA, D. Fominhas de tela. **Viva a Favela**. 21 jan 2003  
Disponível em:  
<[http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from\\_info\\_index=1456&inford=25682&sid=87](http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=1456&inford=25682&sid=87)>  
Acesso em 09 jul 2011

RAMALHO, Cristiane. Dívida zerada. **Viva a Favela**. 03 fev 2005

Disponível

em:

<[http://novo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=87&from\\_info\\_index=586&infoid=39117](http://novo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=87&from_info_index=586&infoid=39117)>

Acesso em 09/07/2011

RAMOS, Maurício. Horizonte promissor. **Viva a Favela**. 02 fev 2003

Disponível

em:

<[http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from\\_info\\_index=1441&infoid=25979&sid=87](http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=1441&infoid=25979&sid=87)>

Acesso em 09 jul 2011

REPORTAGEM de Capa. Como se faz um traficante: Até vestir a farda do Exército, Beira-Mar era apenas o bom filho de dona Zelina. **Revista Isto é**. Edição nº1626. 24 nov 2000.

Disponível

em:

<[http://www.istoe.com.br/reportagens/43128\\_COMO+SE+FAZ+UM+TRAFICANTE?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage](http://www.istoe.com.br/reportagens/43128_COMO+SE+FAZ+UM+TRAFICANTE?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage)>

Acesso: 15 mai 2011

SANTOS, Boaventura de Sousa (1987). **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Edições Afrontamentos, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand (1916) **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Editora Cultrix, 2006

TAMBELLINI, Fabiana. Carta para Alba Zaluar. **Viva a Favela** 12 fev 2003

Disponível

em:

<[http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from\\_info\\_index=1421&sid=87&infoid=26191](http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=1421&sid=87&infoid=26191)>

Acesso em 09 jul 2011

ZALUAR, Alba (1985) **A máquina e a revolta**. 2ª Ed. São Paulo, SP: Editora Brasiliense. (2000)

\_\_\_\_\_. Ao perdedor, as cenouras. In: **Viva a Favela**. 17 fev. 2003. Disponível

em:<[http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from\\_info\\_index=1416&sid=87&infoid=26257](http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=1416&sid=87&infoid=26257)>

Acesso em: 09 jul 2011

\_\_\_\_\_. Em nome da ética. **Viva a Favela**. 07 fev 2003

Disponível

em:

[http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from\\_info\\_index=1436&sid=87&infoid=26088](http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=1436&sid=87&infoid=26088)

Acesso em 09 jul 2011